



## MASCULINIDADES E VIRILIDADES NA PRODUÇÃO DISCURSIVA DE ABDIAS NEVES

**Pedro Vilarinho Castelo Branco\***  
Universidade Federal do Piauí – UFPI  
[pedrovilarinho@uol.com.br](mailto:pedrovilarinho@uol.com.br)

**RESUMO:** Este trabalho analisa a produção discursiva de Abdias Neves intelectual piauiense que, nas primeiras décadas do século XX, orientou sua escrita para uma ação definidora das masculinidades modernas. O argumento se organiza em torno da ideia de que esta produção discursiva objetiva ponderar sobre as práticas masculinas traçadas no percurso histórico dos piauienses e apresentar parâmetros culturais que favorecessem, por um lado, o corte com o passado, constituído na oralidade, na tradição, no espírito de rotina e, por outro, o surgimento de novas práticas masculinas lastreadas numa relação estreita com a cultura física e com a escola, fatores que deveriam redefinir as masculinidades locais, possibilitando que elas se inserissem em padrões de virilidade moderna e, assim, colaborando para a efetiva inserção do piauiense na construção da nacionalidade brasileira moderna.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades; Virilidades; Escrita; Nacionalidade.

## MASCULINITIES AND VIRILITIES IN THE DISCURSIVE PRODUCTION OF ABDIAS NEVES

**ABSTRACT:** This work analyzes the discourse of piauiense intellectual Abdias Neves, who, in the first decades of the twentieth century, oriented his writing towards a defining action of modern masculinities. The main argument is organized around the idea that this discursive production sought to reflect on the forged masculine practices in Piauí historical course and to offer cultural parameters that favor, on the one hand, the break with the past, founded on orality traditions, and, on the other hand, the emergence of new male practices based on a close relationship with physical culture and school, factors that should redefine local masculinities, enabling them to fit into patterns of modern virility and this collaborating for the effective insertion of Piauiense in the construction of the modern Brazilian nationality.

**KEYWORDS:** Masculinities; virilities; Writing; Nationality.

---

\* Possui Graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Piauí (1992), Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1995) e Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2005). Atualmente é professor Associado IV da Universidade Federal do Piauí, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, e ao Departamento de História.

Nas primeiras décadas do século XX, governantes e intelectuais se mostravam preocupados com a degeneração física e moral dos brasileiros e a premente demanda de soerguimento da raça, por meio de significativas melhoras no processo de escolarização, bem como na incorporação da cultura física e da prática constante de novos hábitos higiênicos e profiláticos na vida cotidiana. A incorporação de um novo modo de vida era entendida, naquele momento, como condição imperativa para a construção de uma nação forte, capaz de concorrer no conjunto das nacionalidades modernas. O foco da discussão era direcionado à construção do futuro, e à reflexão sobre a possibilidade de o povo brasileiro acompanhar o desempenho e o desenvolvimento já alcançados por outros povos, viabilizando a transformação do Brasil em país competitivo e apto a se defender das disputas imperialistas.

Nos discursos com intenção prescritiva, a força de uma nação era diretamente relacionada à potência, à capacidade viril e produtiva das energias masculinas. A sociedade deveria estar integralmente preparada para os enormes desafios que o mundo moderno colocava ao conjunto das nações e a cada um dos homens em particular. Das áreas centrais do capitalismo, emanavam os modelos a serem seguidos. Na França, essa preocupação surgiu principalmente depois da guerra franco-prussiana, quando os soldados alemães, com melhor preparo, suportaram o desgaste da guerra e impuseram humilhante derrota aos franceses (WEBER, 1989).

No início do século XX, a grande guerra iniciada em 1914 veio fortalecer e transformar em dogma as ideias já existentes sobre a importância de incentivar a prática da cultura física, como forma de melhorar o desempenho pessoal, criando um sentido de coletividade e de ação orquestrada dos corpos, para fortalecer o sentimento de pertença a uma nacionalidade. A exigência de que as pessoas fossem competitivas, ativas e rápidas na execução das tarefas diárias se impunha, era o ritmo da máquina que se sobrepunha à cadência de produção dos homens no mundo tradicional (EKSTEINS, 1991).

Essas ideias novas se difundiram pelo Brasil na prática escriturística<sup>1</sup> de homens com formação superior, que depois de graduados em grandes centros voltavam às suas regiões de origem e se tornavam arautos da modernidade, seja através de palestras, publicações em periódicos seja mesmo no contato direto proporcionado pelo

---

<sup>1</sup> Sobre a ideia de prática escriturística ver: CERTEAU, 1996, p. 224-226.

exercício profissional cotidiano de médicos, professores e literatos, e ainda através dos quartéis militares, que, instalados por todo o território nacional, chamavam para si a missão patriótica de desenvolver o espírito cívico, o amor pátrio e assim contribuir no esforço de forjar a nação.

O objetivo da presente pesquisa é analisar alguns escritos de Abdias Neves<sup>2</sup>, literato piauiense atuante nas primeiras décadas do século XX. No percurso de construção do argumento, observa-se que uma das preocupações centrais do autor é descrever e analisar a problemática das masculinidades dos brasileiros, dando ênfase, porém, aos perfis de gênero do seu local de fala, o Piauí. Segundo Paulo Gutemberg (2010), essa é uma das motivações centrais de parte da intelectualidade piauiense do início do século XX, inserir o Piauí, sua gente e sua história, no contexto nacional brasileiro.

Abdias Neves é um desses piauienses que colocam o seu brilho intelectual a serviço da construção de uma narrativa histórica que costure, com a força de verdade do relato historiográfico, as experiências vividas pelos piauienses na trama da nacionalidade brasileira. Assim escreve, em 1907, o livro *A guerra do Fidié*, trabalho de cunho historiográfico que objetiva dar visibilidade aos conflitos que acontecem em solo piauiense, e que vinculam as intrigas políticas e militares vividas na então capitania do Piauí, entre os anos de 1822 e 1823, ao contexto das lutas pela independência do Brasil.

Em 1921, Abdias Neves volta aos temas historiográficos e escreve *O Piauí na Confederação do Equador* (NEVES, 1997) que, como o próprio título da obra sugere, tem a intenção de evidenciar a participação dos piauienses na trama revolucionária capitaneada pelos pernambucanos em 1824. Nas duas obras referidas anteriormente, Abdias Neves traça o perfil psicológico do piauiense, ressaltando como esse homem foi fruto das interações com o meio geográfico e das experiências históricas vividas.

As duas obras de cunho historiográfico, somadas a sua obra ficcional *Um manicaca* e ainda, uma série de artigos publicados pelo literato em jornais de Teresina entre os anos de 1907 e 1914, que tratam de assuntos ligados à educação física, ao povoamento do solo, à necessidade de construção de corpos masculinos e femininos

---

<sup>2</sup> Abdias da Costa Neves nasceu em 19 de dezembro de 1876 em Teresina, onde faleceu em 28 de agosto de 1928, Bacharel em Direito (Recife, 1898). Ocupou vários cargos públicos entre eles o de Professor do Liceu Piauiense e da Escola Normal. Fundou ainda escolas privadas. Foi Senador da República e autor de vários livros, entre os quais usamos nesse trabalho: **Um manicaca** (romance) e **O Piauí na Confederação do Equador**, obra de caráter historiográfico.

bem nutridos, saudáveis e assim preparados para serem úteis à sociedade, e para colaborarem de forma efetiva, no soerguimento da nação brasileira, formarão o *corpus* documental definido para a análise que se propõe realizar, o presente trabalho.

Entende-se que os textos selecionados têm, no seu conjunto, a intenção de pensar os piauienses como homens e mulheres frutos de um percurso histórico e de relações sociais e ambientais que não mais atendiam às demandas postas pelo mundo moderno. O literato articula discursos e ações com a intenção de problematizar e colocar em prática estratégias visando requalificar o condicionamento físico e intelectual das populações locais, ao tempo em que objetiva valorizar padrões de masculinidade e de feminilidade adaptados ao ordenamento social moderno, enredados nos afetos patrióticos e na defesa da honra nacional.

Os escritos de Abdias Neves podem ser compreendidos no sentido de literatura como missão, expressão cunhada por Nicolau Sevcenko (1999), para se referir ao uso da escrita com a intenção de atuar na sociedade de forma efetiva e mudar os rumos da história. A obra do escritor piauiense é nitidamente inspirada em linhagens reflexivas que povoavam o universo intelectual brasileiro, no final do século XIX e início do século XX.<sup>3</sup> No caso de Abdias Neves, percebe-se que a principal intenção do autor é incorporar o Piauí, sua gente e sua história ao contexto da história nacional, como afirma Paulo Gutenberg, mas também, refletir sobre o possível futuro do Piauí no contexto da nação, contribuindo a respeito das possíveis e necessárias mudanças a serem efetivadas na comunidade local, onde circula e atua sua escrita.

No percurso metodológico, o objetivo é responder a algumas indagações que parecem pertinentes: como Abdias Neves constrói discursivamente os primeiros piauienses? Qual percurso histórico seguiram e como chegaram à realidade problematizada pelo referido autor? Respondidas essas perguntas iniciais, se passará a um segundo bloco de questionamentos: O que Abdias Neves aponta como problemático no padrão de masculinidade que identifica os piauienses? Quais os padrões definidos como a masculinidade ideal para alcançar o desenvolvimento esperado no futuro? Quais

---

<sup>3</sup> Sobre o meio intelectual do Piauí no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, ver: QUEIROZ, 1994.

as estratégias<sup>4</sup> necessárias na construção desse novo piauiense, capaz de contribuir significativamente e positivamente com o engrandecimento do Brasil?

O diagnóstico de Abdias Neves começa caracterizando o brasileiro como representante de uma raça nova, mas que, já apresentando verdadeiras características de decadência. Para o autor, comumente os brasileiros se mostram com a coluna vertebral ligeiramente inclinada, ombros mais ou menos caídos, amplitude torácica exígua e parco desenvolvimento muscular e conclui a análise afirmando que esses homens seriam incapazes de resistir ao assédio de povos com melhor desenvolvimento viril (NEVES, 1914, p. 2-3).

A preocupação com a precariedade física do brasileiro ganha cores mais acentuadas, quando o foco da análise se direciona para o norte do País. O clima de relativa decadência econômica pelo qual passava a região, no final do século XIX e início do século XX, contribuía para acentuar esse discurso da degenerescência física das populações nortistas (EISENBERG, 1977; ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003).



O nortista é a velhice precoce. O seu raquitismo, o atrofiamento muscular, a debilidade e os enfraquecimentos orgânicos deixam acentuada a sua decadência. Enquanto o filho do sul é um tipo físico bem desenvolvido, musculoso e forte, o nortista é anêmico e enfezado, apresentando geralmente desvio da coluna vertebral (NEVES, 1907, p. 1).

Para o referido autor, a decadência do homem do norte se fazia presente no piauiense, também, de forma acentuada, sendo que as razões para isso se deviam ao abandono das populações pelo poder público, o clima exaustivo, a retirada dos mais aptos, que migravam para servir ao exército nacional, ou ainda para buscar, na Amazônia, o sonho da borracha. Acrescente-se o desprezo aos mais rudimentares preceitos de higiene, o tradicional hábito dos casamentos dentro das mesmas famílias: “De geração em geração perdemos em estatura, nos tornamos mais fracos, se restringe a média de nossa vida. Olhe em torno. Veja-se o que são os descendentes dos velhos piauienses” (NEVES, 1914, p. 2-3).

---

<sup>4</sup> Estratégia no texto será entendida como Certeau a define, segundo ele, cada forma de saber utiliza estratégias específicas na sua ação escriturística cria mecanismos para controlar os corpos. A religião, a medicina, o direito e a pedagogia, na medida em que se tornam espaços próprios, partes importantes das estratégias de ordenamento social, criam meios de significar o corpo, de atuar sobre ele, de escrever nele suas normas e verdades.

Para Abdias Neves, a situação de degeneração em que se encontrava o piauiense, era fruto de realidades historicamente construídas. Em outros escritos, podemos observar indícios da forma como o autor constrói discursivamente esse percurso de degeneração física das populações locais.

Os piauienses originários são construídos por ele como resultado da fusão de homens brancos marcados pelo espírito da aventura e pelo desejo de domínio. Em decorrência dessas motivações iniciais, adentraram o sertão, juntamente com alguns escravos negros e índios aliados, passando a fazer guerra aos gentios que ocupavam originariamente o território. Na sequência, implantaram fazendas onde criavam o gado bovino e cavalar, dando vida a atividade da pecuária na sua forma extensiva. Diante da resistência dos indígenas, os primeiros colonizadores não hesitaram em realizar uma guerra de extermínio, principalmente das figuras masculinas e incorporaram as mulheres, na condição de presas de guerra, aos seus domínios pessoais. Em síntese, os começos da história do Piauí, foram marcados por disputas de masculinidades, pela imposição da força viril dos colonizadores aos silvícolas que aqui habitavam (NUNES, 2007).

A potência viril das figuras masculinas vencedoras que se caracterizavam pelo espírito de iniciativa, para impor seu domínio, foi progressivamente incorporando outras atitudes, no processo de interação com as condições ambientais do espaço geográfico conquistado. As condições apresentadas pelo meio eram favoráveis “a terra oferecia-lhes todos os recursos, com o mínimo de esforço” (NEVES, 1997, p. 24). Completando o quadro ambiental em que os “velhos piauienses” estavam inseridos, Abdias Neves faz referências ao clima, ao calor típico da região, “o calor lhe esgotava as energias deixando o colono incapaz de reação efetiva contra as transformações que se operavam em seu temperamento” (NEVES, 1997, p. 24).

Em síntese, para Abdias Neves, o caráter viril, a iniciativa guerreira dos primeiros piauienses, foram, com o tempo, enternecendo:

O trabalho com as fazendas era insignificante. A pecuária não exigia nenhuma atenção especial para maior rendimento da exportação. A única preocupação séria era trazer as fazendas em estado de defesa para as garantir contra os ataques frequentes e traiçoeiros dos selvagens.

[...] O calor, a facilidade dos meios de subsistência, a vida monótona das fazendas, modificavam-lhe, desta forma, o caráter. A terra oferecia-lhe todos os recursos, com o mínimo de esforço. Abundavam

as frutas saborosas, a caça e o peixe. A luta pela existência era nula, pela falta absoluta de concorrência (NEVES, 1997, p. 25).

Essas peculiaridades da vida sertaneja no Piauí, segundo Abdias Neves, tiraram dos homens a ambição, o espírito de iniciativa. A falta da concorrência os teria afastado de um padrão de masculinidade marcado pela vibração fecunda e triunfadora que caracterizava os seus avós conquistadores. Tornara-se amolecido pelo meio, deixara-se levar por uma existência modorrenta, preguiçosa e ociosa.

O diagnóstico de Abdias Neves sobre as masculinidades fica ainda mais sombrio, quando enfatiza a força da tradição e do espírito rotineiro no cotidiano da sociedade em análise. É assim que afirma que a tradição exerceu sobre o sertanejo piauiense enorme influência, o meio o teria transformado num ser avesso a modificações, e extremamente apegado ao passado:

O passado empolga-o nos costumes e em todas as manifestações da atividade: tem os mesmos hábitos, as mesmas preferências, o mesmo culto dos avós. Perguntem-lhe por que é católico. Respondem, sem refletir, que sendo a religião dos seus pais e avós, deve ser a sua. Vai adiante, lavra a terra e trata as fazendas com os mesmos instrumentos e pelos mesmos processos dos colonizadores do século XVIII. O fogo é o recurso comum, queimam-se as matas para abrir e para obter melhor foragem, queima-se as roças, para adubar a terra. E o incêndio devastador, durante meses, apressando celeremente o deserto (NEVES, 1997, p. 27).

Em síntese, o percurso histórico e a relação com o meio teriam suprimido as energias originárias do piauiense, feito dele um homem bisonho, como um animal triste, um contemplativo, sem iniciativa, sem força para tomar impulso, livrar-se das suas amarguras e fadigas históricas e construir o futuro (NAPOLEÃO, 2006, p. 15). O apego ao passado somado à falta de iniciativa, de energia viril, eram elementos nocivos que enredavam o piauiense numa trama histórica de estagnação e que comprometeria o futuro.

Outro aspecto apontado por Abdias Neves como definidor do padrão de masculinidade do piauiense está vinculado à experiência de abandono a que o poder público submete o sertanejo. O literato afirma que a situação de decadência do piauiense se deve, em grande parte, à forma que historicamente assumiu as relações entre a população e o poder público. Para ele, o Estado só lembra dos governados, nos momentos de cobrar os tributos, sejam financeiros, em decorrência das atividades

produtivas ou do patrimônio, seja o tributo de sangue, sempre exigido nos momentos de conflitos externos e nas rebeliões internas. Satisfeitas as demandas apontadas anteriormente, o Estado não lembra dos homens do sertão para proporcionar instrução aos seus filhos, assistência aos doentes, polícia para a segurança e muito menos justiça para amparar e defender seus direitos.

Diante dessa última situação, Abdias Neves afirma que a saída encontrada foi a execução de providências, no sentido de suprir as demandas não atendidas pelo Estado, com arranjos privados. Sentindo-se sozinho, os potentados rurais passaram a assumir espaços de poder que deveriam ser atendidos pelo Estado. Na falta do poder público, o poder privado se impôs e assumiu preponderância nas práticas cotidianas. É assim que seguindo antigas tradições presentes, desde o início da ocupação do espaço geográfico, surgiram, nas fazendas controladas pelas figuras masculinas patriarcais, pequenos bandos armados, homens prontos a defenderem a honra e os interesses do seu senhor.



As povoações, todavia, iam crescendo e tornando-se numerosas. Só os costumes se não modificavam. Pelo contrário. A necessidade de garantias contra incursões e surpresas determinava pouco a organização, em grupos de criminosos mercenários, mantidos com a segurança da impunidade nas casas ricas. E nenhuma deixou de ter essa triste guarda de honra, necessária à sua conservação, aos caprichos do seu orgulho e à satisfação de bárbaros preconceitos (NEVES, 1997, p. 45-46).

Esses exércitos particulares potencializavam as energias viris dos homens patriarcais, aumentando seu poder de mando. Abdias Neves afirma, ainda, que esses senhores patriarcais eram tão poderosos, e se postavam tão acima da lei e da potência dos encarregados do Estado, que favoreceram a criação de alguns mitos como se pode perceber no relato que segue:

Os chefes dessas casas eram verdadeiros suseranos. Bastava valer-se do seu nome, invocá-lo pedindo proteção, estivessem, ou não, presentes para que, quebrados grilhões e algemas, recuperasse o criminoso a liberdade. Nenhuma escolta de civis ou milicianos vacilava no relaxar a prisão, certa dos riscos a que se expunham por injúria ao poderio do invocado, se não o fizesse (NEVES, 1997, p. 46).

Na sequência o autor afirma que personagens como o Visconde da Parnaíba, que governou o Piauí por quase 20 anos, na primeira metade do século XIX, era um dos potentados locais, que povoava a imaginação dos sertanejos e que protagonizava

histórias lendárias de libertação de criminosos, apenas por apelarem ao seu nome, ou a reclamarem sua generosidade e proteção.

Ao construir seu diagnóstico sobre a ausência do Estado junto à sociedade, e o impacto que isso provocava na construção das masculinidades locais, afirma, ainda, o autor que a falta de estrutura do poder judiciário e o descaso com a educação, potencializavam a força dos senhores patriarcais, ao tempo em que favoreciam o espírito rotineiro, o uso de técnicas rudimentares e a ausência de qualquer perspectiva de mudança econômica para a sociedade.

Na falta do Estado, os senhores patriarcais, tomavam para si a prática da justiça, principalmente nos seus espaços de domínio, e mesmo as ações educativas eram apanágio de poucos e realizadas de forma privada dentro do próprio espaço das casas, onde algum familiar letrado, ou mesmo mestres-escolas, contratados para desasnar os meninos, exerciam seu ofício nas próprias fazendas, onde habitavam os educandos (COSTA FILHO, 2006).

A baixa qualidade da governança aliada à tendência de dar continuidade a práticas do passado, contribuía também para que o trabalho dos homens na lida com o gado seguisse velhas rotinas, em que os ganhos de produtividade, as preocupações com a incorporação de práticas de manejo mais apropriadas eram ausentes.

Um último aspecto que merece reflexão diz respeito à análise em que Abdias Neves problematiza a relação entre o exercício das masculinidades e a defesa da honra familiar, traço característico do ordenamento social tradicional. Segundo o literato, o piauiense é capaz de deixar qualquer traço de apatia e mostrar-se mesmo violento e agressivo, na defesa do amor próprio e da honra, principalmente por motivos de ciúme e na defesa da família. Essa agressividade sacrificial masculina, esse impulso que coloca em risco a vida em nome da defesa da honra, é retratado pelo literato da seguinte forma:

[...] É de um orgulho irrefreado em assuntos de amor próprio e de honra. Não tolera que o humilhem. Os impulsos que lhe dormem nos estratos dos instintos inferiores irromperiam violentos, ferozes e brutais. E a fisionomia apática, de agora, desapareceria, repentinamente, na transfiguração súbita da cólera. O que parecera atonia muscular, torna-se agilidade felina, flexibilidade, vivacidade nervosa. [...] fingindo cair para apanhar de surpresa o inimigo imprevidente, servindo-se do chapéu de couro como escudo, empunhando o punhal não é mais um homem que se tem diante – é uma fera irritada. Apunhala. Assassina. Morre, na vertigem de sangue que o cega (NEVES, 1997, p. 25).

Os padrões de masculinidade dos primeiros colonizadores poderiam e deveriam ser retomados, no entanto, com nova roupagem. Os traços de virilidade, de força, de altivez, de iniciativa presentes nos primeiros piauienses seriam fundamentais no novo homem, desde que essas energias viris fossem canalizadas para o amor pátrio, para o desenvolvimento do setor produtivo. Era preciso que a potência viril fosse agora disciplinada e direcionada para a construção do futuro.

Diferente de outros intelectuais que se mostravam apreensivos com a perda da virilidade tradicional do nortista, e até mesmo saudosos de um determinado padrão de masculinidade, ligado ao mundo rural tradicional das regiões açucareiras do Norte (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003), Abdias Neves não demonstra apego a essas sociabilidades masculinas representativas dos senhores patriarcais, constrói mesmo argumentação totalmente favorável à ruptura com os modelos tradicionais e à construção de novos modelos de masculinidade (GAY, 1995, p. 103).

Para ele, era preciso direcionar as atenções para a construção da virilidade do homem moderno, adaptado ao meio urbano, capaz de acessar os frutos da civilização e de levar o Brasil, em futuro próximo, ao mesmo patamar de desenvolvimento das nações civilizadas (GRAHAM, 1993). Não há sensação de dor pela perda dos padrões de masculinidade ligados ao modo de vida sertanejo e rural, existe sim, a compreensão de que há um caminho a ser trilhado pela sociedade no percurso da civilidade e esse caminho passa inexoravelmente pela ruptura com o mundo tradicional e pela incorporação de novos modelos de masculinidade e feminilidade.

Nos seus escritos ficcionais, Abdias Neves cria personagens que ilustram formas de virilidade desejáveis. Para ele, o modelo bem-acabado do novo homem, capaz de engrandecer e dignificar a pátria seria um homem urbano, corpo escolarizado, com ideias fundamentadas em princípios da ciência, afastado de superstições e de apegos ao passado e ao espírito de rotina, sua capacidade intelectual seria a marca central da nova virilidade. Homem de caráter reto, firme, com capacidade de empreender embates, de definir com lucidez os caminhos e a orientação da família e da pátria (CASTELO BRANCO, 2008).

É assim que formata o personagem Praxedes, jovem bacharel em Direito, como modelo padrão de masculinidade. Por outro lado, o personagem Araújo pode ser definido como sua alteridade, como modelo do não vir-a-ser masculino. Araújo era

fisicamente curvado, sujeito de caráter fraco, sugestionável, incapaz de gestos audazes, de arroubos de fúria e moralmente questionável, a falta de firmeza de caráter seria possivelmente o maior fator de sua desvirilização. Se o primeiro seria capaz de usar da potência masculina para favorecer o engrandecimento da nacionalidade, o segundo, na sua fragilidade, no seu desfibramento só poderia servir como alteridade do devir masculino moderno (NEVES, 1985).

Se o personagem Araújo, representava uma masculinidade decaída, mas vinculada às sociabilidades urbanas, podemos afirmar que, por toda a obra historiográfica de Abdias Neves, os homens rurais são descritos como alteridades dos padrões de masculinidade moderna. O espírito de rotina, o apego ao passado, a falta de escolarização, a submissão aos interesses senhoriais, a compreensão do mundo marcada pela oralidade, seriam características incompatíveis com os novos modelos de masculinidade.

Em outros textos, Abdias Neves reafirma sua crença na possibilidade de construção de uma nova masculinidade lastreada na construção integral do homem. Era preciso preparar os jovens para que estivessem mentalmente e intelectualmente aptos para os desafios da vida moderna. Um homem livre de preconceitos, de superstições, de credences e da religião, mas também um homem que tivesse o vigor físico, para suportar o desgaste das lutas cotidianas do mundo moderno.

Era preciso que cada nação cuidasse das suas bases étnicas. Abdias Neves parece não concordar com a ideia de que existam raças inferiores (SCHWARCZ, 1993), mas sim, parece trabalhar com a ideia de que existem nações que não tomam as medidas necessárias para aprimorar a sua base étnica. Ao falar do Brasil, mostra o sul do país como exemplo de população que tem conseguido de forma exitosa melhorar seu desempenho e seu potencial de futuro, o que deveria ser seguido pelas populações nortistas.

Mesmo entre os brasileiros do norte, Abdias Neves aponta certa positividade nos cearenses, quando comparados com os piauienses. Se os dois têm origens étnicas e históricas semelhantes, as condições ambientais e a geografia dos espaços ocupados pelos primeiros, os levaram a formatar uma masculinidade que guardava maiores aproximações com o espírito altivo e aventureiro dos colonizadores do século XVI e XVII. As dificuldades de uma terra situada entre o sertão seco e hostil, as serras e o mar, teriam feito do cearense um conquistador, um irrequieto, sempre em busca de melhores

condições de vida, não se tornou um conformado, não perdeu seu ímpeto aventureiro, lança-se ao mar, viaja ao Amazonas, busca melhores condições onde quer que elas se apresentem.

Ilustrativo também é a forma como analisa comparativamente duas nações asiáticas afirmando o bom exemplo do Japão e a péssima situação da China.

Os indivíduos fracos fazem as nações fracas. A China tem quatrocentos milhões de habitantes e é a última das nacionalidades, porque o chinês, envenenado pelo ópio, pelo cansaço de sua longa existência histórica e pelo insulamento é o último dos seres na escala humana.

É dever de todos os povos cuidar do aperfeiçoamento de sua categoria étnica, e um movimento largo e fecundo nesse sentido vem do sul para o norte do Brasil. O exemplo do Japão não poderia ficar sem seguidores (NEVES, 1907, p. 1).

Diante do desafio de pensar como aperfeiçoar as populações locais e assim contribuir, de forma eficaz e efetiva para o fortalecimento da nação brasileira, Abdias Neves passa a problematizar uma série de estratégias de ação que seriam necessárias para melhorar o desempenho dos piauienses e assim mudar a realidade que se tinha no momento histórico analisado, ou seja, sair de uma situação de decadência e passar a colaborar efetivamente para potencializar o futuro da nação.

Uma das estratégias apontadas por Abdias Neves como fator de progresso do sul do Brasil e de atraso do Norte é a atração de migrantes europeus. Segundo ele, a interação das populações existentes com os migrantes da Europa seria de fundamental importância para a renovação das energias vitais ao desenvolvimento local (EISENBERG, 1981, p. 61-84). Aliada a essa estratégia, se poderia contar com mudanças significativas na infraestrutura local, particularmente, na demarcação das terras a serem doadas aos imigrantes, bem como no setor da logística de transporte que viabilizasse a vazão da produção agrícola.

Abdias Neves percebe a miscigenação como algo positivo, capaz de trazer energias novas, de potencializar uma etnia cansada pelo peso da história. Assim vê os chineses como um povo decadente, em parte pelo seu insulamento histórico (NEVES, 1907, p. 1), insinua que as populações conquistadoras do sertão, à medida que se misturaram às populações nativas, ganharam em energia viril com a incorporação do sangue indígena, energia essa que depois se esgotou com o tempo. Assim a miscigenação apareceria como uma estratégia importante, no sentido de revitalizar as

energias viris, de trazer a força dos braços inteligentes de colonos europeus para melhorar o cultivo das terras do Piauí e a renovação das nossas energias étnicas.

A imigração de europeus era estratégia importante para fortalecer as energias produtivas do Piauí, no entanto, Abdias Neves parece mais empenhado em modificar positivamente as populações já residentes. Desse modo, passa a defender a cultura física nas mais diversas formas como um meio necessário à construção de novos modelos masculinos. O literato começa argumentando que a força moral e física de uma sociedade se impõe pelo vigor físico de seus membros:

Se quisermos formar uma alma que se desenvolva largamente, um homem de intrépida vontade, fazei dele a princípio, e antes de tudo, um organismo vigoroso, de sólida resistência e músculos de aço. [...] Na luta pela vida, uma boa estatura, uma boa presença, valem por dois terços das condições do triunfo. Parece que a autoridade, o prestígio, a influência, ali se impõem, se evidenciam melhor. Uma estatura média perde-se, desaparece nas multidões, somente as outras sobressaem, destacam-se, deixam-se perceber (NEVES, 1914, p. 2).

Fundamentado no intelectual inglês Herbert Spencer, Abdias defende que o vigor orgânico, o bom porte físico e o bom treinamento corporal, seriam fundamentais para o triunfo de uma nação.<sup>5</sup> No entanto, o vigor físico seria apenas parte dos requisitos para o sucesso de um povo, era preciso ainda aliar a esse tipo físico, a compleição saudável, resistente às doenças que se aproveitam das debilidades orgânicas dos corpos, para enfraquecê-los. Para o autor piauiense a resistência orgânica às doenças poderia ser potencializada com a observação de regras de higiene e de alimentação que deveriam ser impostas às populações desde a infância, tanto nos espaços domésticos como nos espaços públicos, particularmente nas escolas.

A presença mais firme e constante do Estado seria estratégia eficaz para fazer com que os interesses verdadeiramente nacionais se imiscuíssem no seio das famílias e, assim, viessem interferir nas práticas cotidianas, diminuindo a potência dos grupos familiares que se mostravam tradicionalmente mais empenhados em defender os negócios do próprio grupo, em detrimento dos interesses efetivamente nacionais (COSTA, 2004).

No discurso do literato, o poder público deveria chamar para si a responsabilidade de educar as crianças, buscando com essa política minimizar a

---

<sup>5</sup> Sobre a influência de Herbert Spencer na intelectualidade brasileira ver: GRAHAM, 1973, p. 241-260.

influência dos grupos familiares sobre a formação de meninos e meninas. Esvaziada a estrutura familiar patriarcal, seria mais fácil, ao Estado, alcançar o objetivo de transformar os infantes em indivíduos, homens e mulheres aptos a ingressarem na vida adulta e a reproduzirem a nova ordem social, na qual os interesses nacionais deveriam se sobrepor ao ordenamento social patriarcal e às práticas cotidianas rurais.<sup>6</sup> Para alcançar tais reformas, fazia-se necessário ainda repensar os modelos pedagógicos e as propostas implícitas nas práticas educacionais.

A educação fundamentada, na instrução, no conhecimento livresco, na memorização e em métodos de ensino rígidos e autoritários, era agora refutada. As novas propostas fundamentavam-se na formação; a educação deveria preparar as crianças para viverem em um mundo no qual a competência e a igualdade de oportunidades seriam pontos centrais na organização social.

Os novos modelos de educação deveriam incutir valores, formar condutas, que pudessem preparar os alunos à observação, para atuarem no mundo a sua volta, desvendando-o a partir da percepção. Era preciso ainda romper com a tradição da oralidade e impor a escrita, o conhecimento legitimado pela ciência como o padrão de saber aceito na sociedade.

Em síntese, a proposta de Abdias Neves buscava romper com as práticas e valores presentes na sociedade sobre a formação das crianças, por considerá-los arcaicos, rústicos e inadequados. Se o objetivo era construir uma sociedade alicerçada em princípios liberais e burgueses, as crianças deveriam ser preparadas para agirem de forma diferente, incorporando novos valores, novas atitudes que fossem compatíveis com as propostas sugeridas.

Não bastava apenas universalizar a educação, era necessário fazê-la em outros moldes. As práticas tradicionais marcadas pela rotina, pelas relações hierarquizadas, autoritárias, em que, aos alunos caberia apenas a repetição e a obediência, não seriam aceitáveis. A nova educação deveria quebrar o espírito de rotina, o apego ao passado, à tradição, ensinando os infantes a verem o mundo e atuarem nele de forma ativa, a percebê-lo como espaço aberto à espera da ação inovadora fundamentada na ciência.

Ao professor caberia o trabalho de auxiliar na formação integral dos discentes. Para os meninos, a proposta era fazer deles homens aptos a se movimentarem no mundo

---

<sup>6</sup> Sobre a problemática das mudanças propostas às famílias brasileiras no final do século XIX e início do século XX conferir: COSTA, 2004; GONDRA, 2004.

moderno, disciplinados, competitivos e úteis à sociedade. A esse respeito, Abdias Neves faz longa descrição de práticas e princípios fundamentais, no processo de formação dos novos indivíduos. Na sua concepção, era preciso criar pessoas capacitadas para o trabalho produtivo, portanto, úteis à sociedade. Para o sucesso da proposta, a prática de atividades físicas direcionadas, os princípios de higiene, os cuidados com a alimentação, com o vestuário, com os horários, tornavam-se fundamentais na medida em que ajudariam a manter o corpo saudável e disposto para o desenvolvimento das atividades cotidianas, importantes na regulamentação das condutas e na disciplina social (SOARES, 1998, p. 33-80).

Segundo o literato, as crianças no Piauí eram muito presas, constantemente repreendidas com severidade, o que tirava delas qualquer espírito de iniciativa e audácia. Cedo se vestiam como adultos, sendo-lhes exigidos comportamentos compatíveis com a referida fase da vida; em outras palavras, Abdias Neves procura chamar a atenção para a forma equivocada como a sociedade agia, não percebendo a infância como etapa específica da existência humana.

Para o referido autor, os meninos ainda conseguiam fugir às restrições familiares, mas as meninas seriam as maiores prejudicadas, tendo em vista que estas “têm uma existência sedentária, ficam em casa, não fogem a nenhuma privação. Onde lhes resulta uma debilidade excessiva” (NEVES, 1914, p. 2-3) Para o sucesso de todo esse programa de reformas e de regeneração racial, era preciso contar com a força e a colaboração das mulheres. Elas precisavam ser incluídas de forma mais significativa nos processos sociais em curso (BESSE, 1999, p. 122-143).

No romance *Um manicaca*, Abdias Neves (1985) constrói o perfil dessas novas mulheres necessárias para o soerguimento do piauiense. Em primeiro lugar era preciso que se desvinculasse dos preconceitos e superstições ligadas à religião e aos sacerdotes, se voltando aos cuidados da família, que fosse devidamente escolarizada, para que pudesse acessar os novos conhecimentos e colocá-los em prática na sua missão de mãe. Era necessário, ainda que fosse mãe espiritual, no exercício da docência infantil, e também no sentido material de gerar filhos fortes, saudáveis e moralmente bem preparados para o engrandecimento da nação (NEVES, 1985, p. 49-51).

Na escrita de Abdias Neves, as péssimas condições de educação formal em que as mulheres viviam enredadas, era um empecilho às transformações necessárias na sociedade. A má educação dispensada às mulheres não se restringia aos aspectos

cognitivos, se estendiam aos aspectos físicos, essa suposta educação sedentária dispensada às mulheres as tornavam fracas, tendentes a problemas nervosos, incapazes de resistir bem às exigências da maternidade, o que era um perigo para a saúde das futuras gerações, pois os corpos femininos fragilizados teriam diminuída sua capacidade orgânica de gerar filhos bem nutridos e competitivos. Outra crítica apontada à educação recebida pelas meninas no Piauí diz respeito aos precoces comportamentos adultos que lhes eram exigidos:

Desde muito pequenas, estão elas condenadas a uma comédia de compostura precoce enfeitadas como bonecas, com a vaidade estimulada pelos enfeites que lhes põem nos vestidos, pelos elogios que ouvem, emprestam-lhes maneiras de senhoras. Evitando-se que uma palavra sua, um gesto, um descuido mínimo prejudiquem o bom efeito da representação (NEVES, 1914, p. 2-3).

O problema da educação infantil no Piauí seria a tendência de negar a natureza que existia nos corpos. A saída seria dar liberdade para que essa natureza se manifestasse livremente e, em seguida, fossem moldando as necessidades orgânicas e os corpos, a partir da educação e da prática da ginástica; nunca sufocando, nos corpos, as necessidades naturais, mas sempre direcionando as potencialidades e energias a objetivos úteis à sociedade.

Abdias Neves define como questão importante na formação dos infantes os princípios de higiene e de cuidados corporais, tais como o banho diário, a limpeza das roupas, das mãos, o corte das unhas e do cabelo, caracterizados como traços de civilidade, de grande importância nas novas formas de subjetivação desses novos homens e mulheres que deveriam movimentar-se no meio urbano (GONDRA, 2004, p. 223-480). No discurso do referido literato, pode-se perceber a forma como os novos homens e mulheres eram objetivados na sua prática escriturística. São corpos rijos, limpos, apolíneos, disciplinados e contidos, segundo a prescrição do autor (NEVES, 1914, p. 2-3).

Os corpos aparecem como construção, moldados por um saber que procura impor-se como verdade, problematizados, esquadrihados. Os gestos mais banais são alvo de exame minucioso, que procura diagnosticar falhas, desvios, que, posteriormente, deveriam ser transformados, a partir dos saberes legítimos que a Ciência Jurídica, a Higiene, a Medicina e a Pedagogia elaboraram sobre os corpos. A educação seria o meio de disciplinar as crianças, ao tempo em que procurava, também, a partir delas,

alcançar os adultos. A escola devia instrumentalizar as crianças a conhecer hábitos de higiene, de salubridade, assumindo em seguida papel de multiplicador desses novos hábitos no espaço familiar.

As prescrições de Abdias Neves se estendem mesmo às práticas que deveriam ser desenvolvidas pelos pais, no próprio espaço doméstico. Era como se o saber, as práticas repassadas oralmente ou apreendidas na convivência cotidiana das famílias, durante décadas, transmitidas de uma geração à outra, fossem, nesse momento, desqualificadas e percebidas como equivocadas: o literato definia no seu discurso até mesmo a maneira correta de alimentar as crianças:

Em geral os pais gravitam entre dois extremos: o excesso e a deficiência da alimentação. Para uns, especialmente o sertanejo e as pessoas incultas, é preciso comer muito, comer demais donde os casos frequentes de dilatação do estômago observados no sertão. A alimentação ali é mais substancial que nutritiva. Para outros a alimentação parca, sujeitando as crianças a um regime que as enfraquece, deixando-as incapaz de resistir às mínimas moléstias (NEVES, 1914, p. 2-3).

A condenação às práticas citadas anteriormente era fundamentada em estudos científicos que viam na alimentação correta uma pré-condição para formar homens e mulheres com iniciativa e coragem para produzir e inovar as formas de servir à sociedade.

A escola deveria ainda tornar-se centro de alegrias, onde a criança aprenderia princípios de cidadania; o aprendizado do amor pela pátria, por seus valores e símbolos era agora função escolar. A criança deveria ser ensinada a defender a pátria, a amá-la acima de tudo, todos os seus esforços no futuro deveriam ser no sentido de trazer confortos materiais à sua família, mas também para engrandecer a pátria.

Esse sentido patriótico que a escola assume no final do século XIX é frequente nos discursos de formatura das normalistas, neles, o papel patriótico de educar o povo, e, particularmente, as crianças, a ser desempenhado pelas professoras normalistas, é intensamente reproduzido. As normalistas são percebidas como baluartes do progresso e as escolas normais vistas como verdadeiros templos de civilização. A percepção das professoras primárias como civilizadoras, como responsáveis pela propagação do conceito de pertencer a uma nação, de ter uma pátria, é presente no texto de Antônio Sampaio (1996, p. 25), que, enquanto aluno das professoras primárias recém-formadas

na Escola Normal de Teresina, guardou delas a lembrança de que lecionavam muitas coisas diferentes das ensinadas pelos mestres-escolas, e de que tinham ordem de não aplicar castigos físicos aos alunos, e ainda de que ensinavam hinos patrióticos que eram cantados todos os dias na entrada e saída da escola.

As escolas normais, a que nos referimos, eram majoritariamente escolas gerenciadas pelo Estado, eram parte das políticas públicas de educação, e eram povoadas quase que exclusivamente por mulheres. Na função de professoras, elas poderiam cumprir com presteza sua missão no soerguimento da nação.

Nesses espaços de formação feminina, Abdias Neves e outros intelectuais contemporâneos atuavam como professores, usavam do espaço de fala para propagar suas ideias e formar mulheres aptas a operarem na formação das futuras gerações, dentro dos espaços domésticos, agindo como mães, ou nos espaços públicos, quando atuavam como professoras. As estratégias de ação dos literatos poderiam se dar nos espaços de sala de aula, ou ainda em conferências onde propagavam entre as alunas as ideias que captavam em leituras de cunho sociológico das quais se apropriavam, para pensar os rumos da sociedade futura.

Em síntese, Abdias Neves afirma que o fortalecimento das forças viris do piauiense seria uma possibilidade, desde que o Estado assumisse seu papel de indutor do processo e que a sociedade respondesse positivamente, assumindo novas práticas e comportamentos cotidianos. Era preciso retomar algumas características das populações ancestrais, que agora estavam adormecidas nos piauienses: o espírito de aventura e de audácia que os forjaram como conquistadores e empreendedores no período colonial.

A retomada dessas energias viris ancestrais aliada à inclusão de novos hábitos, de novas percepções do mundo que levassem à vivência de valores e sentimentos de pertencimento a uma pátria, somadas à incorporação de novas práticas cotidianas que incluíssem a valorização da educação escolar, da boa alimentação, da higiene corporal e de atividades físicas regeneradoras, seriam a fórmula ideal para soerguer as energias viris dos piauienses e possibilitar que as populações locais assumissem papel relevante na construção da nacionalidade brasileira.

Um último aspecto que completa a reflexão e os encaminhamentos necessários para a reafirmação das energias viris do piauiense é a quebra das práticas endógenas, tão presentes no Piauí. A quebra da endogenia proposta por Abdias Neves começava pelo fim dos velhos hábitos dos casamentos dentro do mesmo grupo familiar que atendiam,

aos interesses políticos e econômicos dos grupos familiares locais, em detrimento dos anseios afetivos dos nubentes e dos interesses maiores da nação. As velhas práticas matrimoniais potencializavam os vínculos e as vantagens familiares, as estruturas de poder político locais, em prejuízo das demandas e do fortalecimento da nacionalidade (BRANDÃO, 2012). As famílias se voltavam a defender a vontade dos grupos familiares e não aos interesses e afetos patrióticos.

As práticas endógenas deveriam ser quebradas também do ponto de vista de certo enclausuramento psicológico que vinculava a existência às práticas rotineiras, já conhecidas. Era preciso aventurar-se, sair da zona de conforto proporcionada pelo passado, pela rotina, pelo já conhecido e experienciado. Na fala de Abdias Neves, misturar o sangue, e provar outros modos de vida, outras formas de dizer e significar o mundo seriam fundamentais para reinventar o piauiense e torná-lo um agente ativo na construção da nova nacionalidade e do futuro do país.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino: Nordeste (1920-1940). Maceió: Catavento, 2003.
- BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense**: família e poder. 2 ed. Recife: EDUFPE, 2012.
- CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **História e masculinidades**. Teresina: EDUFPI, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996.1 v.
- COSTA FILHO, Alcebíades. **A escola do sertão**: ensino e sociedade no Piauí (1850-1889) Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2006.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. São Paulo: Graal, 2004.
- EISENBERG, Peter, **Modernização sem mudança**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1977.
- EISENBERG, Peter. Falta de migrantes: um aspecto do atraso nordestino. p. 61-84. In: EISENBERG, Peter. **Homens esquecidos**. Campinas: UNICAMP, 1989.
- EKSTEINS, Modris. **A sagração da primavera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- GAY, Peter. **O cultivo do ódio**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- GONDRA, José. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na corte imperial. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.
- GRAHAM, Richard. **Grã-Bretanha e o início da modernização do Brasil**: 1850-1914. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- NAPOLEÃO, Martins. Evocação de Abdias Neves. p. 9-24. In: NEVES, Abdias. **A Guerra do Fidié**. Teresina: FUNDAPI, 2006.
- NEVES, Abdias. O problema do povoamento do solo. **O Monitor**, Teresina, ano 2, n. 51, p. 1, 10 out. 1907.
- NEVES, Abdias. Educação Física. **O Monitor**, Teresina, ano 2, n. 50, p. 1, 17 out. 1907.
- NEVES, Abdias. Corpore sano. **O Monitor**, Teresina, ano 2, n. 52, p. 1, 24 out. 1907.
- NEVES, Abdias. Noções de pedagogia aplicada: da educação física direta. **Diário do Piauí**, Teresina, ano 4, n. 110, p. 2, 17 maio 1914.
- NEVES, Abdias. Noções de pedagogia aplicada: da educação física direta. **Diário do Piauí**, Teresina, ano 4, n. 129, p. 2-3, 9 jun. 1914.
- NEVES, Abdias. Noções de Pedagogia Aplicada. **Diário do Piauí**, Teresina, ano 4, n. 137, p. 2-3, 19 jun. 1914.
- NEVES, Abdias. **Um manicaca**. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.
- NEVES, Abdias. **O Piauí na Confederação do Equador**. EDUFPI, 1997.
- NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**. Teresina: FUNDAPI, 2007. 1 v.
- QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a República**: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. Teresina. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- SAMPAIO, Antônio. **Velhas escolas, grandes mestres**. Esperantina: [s.n.], 1996.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SOARES, Carmen. **Imagens da educação no corpo**. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SOUSA, Paulo Gutemberg de Carvalho. **História e Identidade**: as narrativas da piauiensidade. Teresina: EDUFPI, 2010.
- WEBER, Eugen. **França Fin-de Siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

**RECEBIDO EM: 18/12/2019**

**PARECER DADO EM: 29/10/2020**